

Paixão da ignorância: consequências no laço social

Marta Nadi, Escuela Freudiana de la Argentina

Atualmente está sendo discutido, repetidamente, e tentando compreender as relações entre o neoliberalismo e o fascismo atual, e a diferença com o fascismo do século passado.

A eleição de Donald Trump nos EUA e de Jair Bolsonaro no Brasil trouxe à discussão o caráter particular desses líderes que executam as políticas em questão

Uma pergunta recorrente: como as pessoas podem votar em um líder que inventa seu próprio socioleto, uma mistura de piadas, caretas, alusões escatológicas e insultos. Que promove uma série de slogans e anátemas que são utilizados como uma arma poderosa para deslegitimar as minorias. Misóginos, apresentam-se descaradamente, supostamente fazendo o que querem e quando querem. Desfrutar de benefícios e isenções quase impossíveis para o comum dos mortais. Um líder que manda matar, que ataca continuamente os seus adversários em vez de oferecer um confronto de ideias apoiadas na palavra e no pacto social. O insulto encerra o diálogo¹.

Para pegar uma das respostas: Judith Butler em relação a Donald Trump afirma que ele estimula o desejo de morte que todos carregamos dentro de nós e se apresenta fazendo o que muitos gostariam de fazer numa espécie de desejo sem lei.

O desejo destes líderes aparece como sem lei e um desejo sem lei está mais próximo da vontade sadéana de gozo do que do desejo que implica a castração como condição sine qua non para a sua constituição.

Estou fundamentalmente interessado em saber quais desses discursos penetram na sociedade e de que forma; o que acontece com esta ordem de uma certa perversidade que penetra na modéstia “das massas”. Apenas uma tentativa mínima de encontrar uma ordem de razões a partir da psicanálise.

É comum afirmar que o homem comum, ou o que em algum momento foi chamado de homem das massas, é um importante suporte do fascismo, mas o que o caracteriza não é a brutalidade e o atraso, mas sim o seu isolamento e a falta de relações sociais normais².

¿Quais seriam as relações sociais normais?

¹ Cf: Badiou, Alain; Balibar, Étienne e outros. Neofascismo, Ed, Le Monde diplomatique, Capital intelectual, Bs.As.2022

² 2Cf: Koonz, Claudia: consciência nazista, Ed. Paidós, Barcelona 2005.

A fratria é uma espécie de relação social que implica segregação. E não há laços fraternos sem segregação. A relação fraterna pode ser dita em termos de: estar isolado junto, frase de Lacan no Seminário XVII Em vez de psicanálise. Estarmos isolados implica que essa relação fraterna não seja necessariamente um vínculo social no sentido que o discurso da psicanálise promove, mas sim um ambiente confortável sustentado pelo líder.

Ou seja, isolado dos demais pela operação de segregação, segregação que se baseia em colocar o mal no objeto segregado. O objeto segregado carrega em si a marca, o traço que o torna objeto do mal. É o seu ser que está em jogo, não o seu fazer.

Quando a marca cai sobre algum corpo temos racismo. Agora você pode segregar com qualquer coisa: idioma, religião, escolha sexual, roupas e vários etc. Uma vez desaparecido o líder, as consequências vão desde a desintegração do vínculo até o assassinato entre irmãos, sendo o ódio a paixão dominante.

¿ Será que os seguidores ou eleitores ignoram as características do seu líder, será que acreditavam firmemente que Hitler era o “general incruento”? Eles acreditam firmemente que o oponente é a essência do mal? Você acredita firmemente que o ódio colocado sobre os outros resolverá os problemas desta vida? Eles ignoram a desonestidade do personagem em quem votam?

¿ Essa ignorância é apenas falta de informação? Pode ser e é muito importante ter meios de informações confiáveis e que não sejam corrompidos por notícias falsas, mas se levarmos em conta que o nosso acesso à realidade se dá através do fantasma, poderemos pensar que a ignorância não se alimenta apenas de informações falsas.

O ódio é um afeto que pode afetar todos os falantes em algum momento de nossas vidas. Mas a paixão é outra dimensão dos afetos.

O ódio é porque o outro simplesmente existe, entendendo como existência que o outro fala, deseja, goza e aproveita prazerosamente diante dos nossos olhos. Muitas vezes o semelhante apresenta algo da minha impotência.

E às vezes é difícil discriminar a paixão do ódio da paixão da ignorância ou talvez pudéssemos considerar a paixão da ignorância como o modelo de toda paixão, uma vez que o amor, por exemplo, pode carregar na sua dimensão apaixonada a ignorância do desejo.

Lacan relata que seu porteiro odeia ratos. E ele nunca se engana quando vê um rato, ele a mata, ele é preciso. Sem fracassos nem fissuras, ele tem sempre acerta em sua paixão homicida. A paixão não hesita e não falha e arrasta o sofredor por um caminho às vezes sem volta.

Se o ódio sabe, se o ódio apaixonado não duvida do ser do Outro, como poderíamos caracterizar a ignorância como paixão? Poderíamos dizer que não queremos conhecer

um assunto amplamente partilhado. Há uma dimensão onde a ignorância sustentada na negação não nos é estranha. Assim como não estamos alheios a uma certa dimensão de conhecimento necessária para poder dizer algo como “eu acho que...”, ponto em que o meu não saber é necessariamente elidido. Mas a paixão da ignorância acrescenta um plus a este não querer saber, acrescenta que ignora que não se trata apenas de querer saber ou não, ignora que não há conhecimento sobre o Outro, que o ser do Outro sempre permanece enigmático porque não existe o ser do Outro. A dimensão do impossível é eliminada. Ser e saber não coincidem, o Outro é apenas um lugar, a inexistência é o seu modo de existência. Do Outro apenas o objeto a, é um resto ativo que faz falar, testemunho da inexistência do Outro, resto do qual o perverso tenta se apropriar para oferecê-lo aos deuses obscuros e assim fazer existir no Outro o campo de gozo.

Segundo Hannah Arent³ uma certa ordem de mentira é aceitável num político, mas quando a mentira é usada para destruir o adversário estamos numa outra dimensão que beira a perversão. O líder que procuramos caracterizar apresenta-se como aquele que conhece o Outro, o ser do Outro. Defensor da fé, ele se autoproclama dono desse saber em mais, defensor daquele gozo absoluto encarnado, conduzirá seu rebanho ao encontro do gozo do Outro.

Um lado religioso/místico é comum nesses líderes enquanto o semelhante encarna o inimigo a ser eliminado. Enquanto orientado para o ser, o fazer é secundário e sempre suspeito do mal.

Tomemos como caso a paixão de Cristo onde o significante do Nome do Pai leva esse corpo para o sacrifício e salva a alma para a eternidade, sendo a ressurreição dos corpos a promessa efetiva. O sofrimento é hoje, felicidade futura. Este tipo de líder incorpora uma père- version do nome do pai.

E os seguidores compartilham esse conhecimento que parece não ser afetado pela perda. É um conhecimento sustentado no símbolo e não no sintoma, um conhecimento que implica a ignorância do que é real. Não é através do símbolo que algo do real pode ser abordado e ainda assim a eficácia simbólica opera.

A questão persiste: ¿por que agora?

O parlêtre está sujeito ao que poderia ser chamado de imperativo do capitalismo atual: falta o prazer, falta sempre alguma coisa para satisfazer essa aspiração de prazer. Quando o gozo prevalece, o prazer diminui e o desejo é escasso. Mas a saudade do gozo permanece. Mas o prazer não tem sujeito.

³ Cf Arent, Hannah. Verdade e mentiras na política.

Estamos no império da yocracia⁴, 4 onde o espelho nos aprisiona num reflexo ilusório do próprio nada. E não me refiro à ausência do reflexo do objeto “a”, mas ao vazio e à solidão que a desintegração do vínculo social provoca. Seres autoconstruídos, sem memória e sem história, sem antepassados a quem devemos algo, sem empatia ou relacionamento com os outros. Nada pode nos tirar dessa captura que nos leva à loucura egóica, é difícil virarmos a cabeça e buscar no ideal alguma marca que nos sustente como falantes, que nos sustente no que dizemos ao outro, que nos sustente em escutar o que o outro nos diz, gostemos ou não, que nos sustente no difícil ofício do vínculo social.?

“O que falo sem saber me torna sujeito do verbo”, diz Lacan. Compreendo o sujeito da ação, onde coincidem o sujeito do desejo e da castração. É aqui que o discurso da psicanálise pode intervir.

Todo neurótico carrega dentro de si o índice de perversidade enquanto o desejo é a perversão da necessidade. Mas não é um desejo perverso, duvido que você o encontre, na perversão prevalece a vontade de gozar, que precisa ser imposta ao outro, violando seu pudor. O neurótico é um perverso fracassado na busca pela gozo absoluto e no o prazer miserável que se obtém através da castração, sempre em busca do Outro

Generalizações que nos levam a acreditar em verdades realmente estúpidas e geralmente insustentáveis. Ou apenas sustentável ao custo de explodir metade das nossas cabeças. É uma armadilha da qual é difícil sair porque como diz a sabedoria popular “é preciso acreditar em alguma coisa” e Deus é inconsciente, ou seja, está na linguagem. E Deus é a Mulher virada tudo e assim continuamos até conseguirmos articular algo para dizer. Assim, o neurótico é o parceiro indispensável do pervertido e candidato a complementar o líder para demonstrar certa ordem de perversidade.

Se o fantasma fundamental arrasta o nosso desejo, o gozo masoquista posto em jogo leva-nos à submissão de um suposto pai que ¿nos ama ou nos goza? O masoquismo é estrutural, explorá-lo e estimulá-lo é da ordem da perversão. A confusão entre amor e gozo do Outro é mais que frequente, a submissão ao Outro desconhece que o outro é aquele com quem convivemos, que o amor e o ódio se jogam com o outro e que é com o outro que se joga a sublimação das Trieb, se fosse possível. Teríamos que passar da paixão ao desejo. Lacan duvida muito dessa possibilidade nos neuróticos, mas os psicanalistas sustentam que outro destino é possível – segundo Norberto Ferreyra – se houver honestidade e compromisso com a palavra tanto do analista quanto do analisando⁵.

⁴ CF Sadin, Eric: A era do indivíduo tirânico, Ed Caja Negra, Bs.As.2022

⁵ 5 Ferreyra Norberto: conferência no âmbito do Seminário “Outro destino é possível” FCL, 16/04/24. Não publicado.